



BACIA DO PRATA: POLO GEOPOLÍTICO DO ATLÂNTICO SUL

Therézinha de Castro

Introdução

O Atlântico se distingue dos dois outros grandes oceanos pela *larga comunicação marítima que estabelece com as zonas polares*. Na prática, a divisão do Atlântico em dois segmentos definidos se faz na área em que o entorce continental sul-americano, o saliente nordestino do litoral brasileiro, se projeta para a África Ocidental, na geoestratégica zona de estrangulamento Natal-Dakar.

No também geoestratégico corredor de circulação meridional, onde os três grandes oceanos se reúnem diante da Antártica, o Atlântico tem como pontos de amarras o Cabo das Agulhas (35° de latitude sul) no continente africano e o Cabo Hornos (56° de latitude sul) no lado americano.

No âmbito geral, observadas as entidades geopolíticas dependentes da *África Sul Atlântica* desde a Mauritânia até a Namíbia, excetuando-se a República da África do Sul, a paisagem psicossocial é a de *países subdesenvolvidos, integrando o estágio mais pobre do Terceiro Mundo*, mesmo que, como o Gabão e a Nigéria integrem a OPEP. Caracterizam-se esses países por uma baixa renda nacional *per capita*; índice de cultura pobre, com baixo nível de politização; população rural vinculada a uma economia agrária monocultora; predomínio da indústria extrativa sobre a manufatureira; desequilíbrio no comércio exterior; e, finalmente, com capital doméstico insuficiente não só para seu desenvolvimento econômico, como para a própria continuidade

política. Do outro lado, a América do Sul apresenta-se bem mais coesa ante a vantagem de estar integrada no âmbito das Relações Internacionais vários séculos na frente do continente africano.

Entre a África Ocidental, de característica essencialmente tribal, e a América Atlântica, que repartem a zona meridional do grande oceano, falta, pois, um conjunto coerente de individualidades com personalidades próprias, e sem tal característica não pode coexistir um complexo regional globalizado dentro da consciência e necessária geoestratégia comum. Conseqüentemente, no contexto, avulta a importância da Bacia do Prata, que engloba todos os países do Atlântico Sul-Americano; importância continental-regional que já distingue o conjunto como o Polo Geopolítico do Atlântico Sul.

Caracterização da Área

O Planalto Brasileiro, geocentro da Bacia do Prata, forma, grosso modo, uma espécie de triângulo com a base voltada para o norte, vértice apontado para o sul e declinando no norte, no sul e interior do continente. Assim sendo, uma das características geopolíticas mais em evidência neste planalto, é a de se encontrar afastado das zonas litorâneas atlânticas, as mais povoadas do Brasil, onde temos o nosso ecúmeno estatal. Constituindo-se ainda, no contexto geral, numa área geopolítica neutra, cuja importância fu-

tura parece depender, em grande parte de Brasília, a única capital de país instalada fora do ecúmeno estatal. (Mapa 1).

No plano fisiopolítico a importância do Planalto Brasileiro se prende ao fato de ser ele o centro dispersor e divisor de águas das três importantes bacias hidrográficas — a do S. Francisco, genuinamente brasileira; enquanto que as duas outras — a do Prata e a Amazônica se dividem entre as várias nações sul-americanas. Desse modo, do ponto de vista continental, podemos afirmar que, geopoliticamente, o Planalto Brasileiro foi o núcleo interiorizado da unidade brasileira através do S. Francisco; de alargamento territorial dos bandeirantes pelo Prata, no sentido direcional sul; e pelos afluentes do Amazonas dentro da diretriz norte.

Em seu declive para o interior, o Planalto Brasileiro cede lugar ao Pantanal Matogrossense, complementado pela região do Chaco, extensa área baixa, numa distância de 1.700 km de norte para sul, desde a divisória do Mamoré até as paisagens pampeanas. Paisagem logo notada, já que o vazio demográfico do Chaco-Pantanal, contrasta com a ocupação pastoril intensiva dos Pampas.

O Pantanal se envolve na Bacia do Prata desde os 12° aos 22° de latitude sul; trata-se, no aspecto geral, de uma planície inundável onde a economia, o relevo, a vegetação, estão diretamente relacionados com o caráter prepon-

BACIA DO PRATA (RELEVO)

-  PLANÍCIE
-  ALTIPLANO
-  PLANALTO

MAPA 1

Org. por Therezinha de Castro



derante que os rios imprimem aos demais fatores fisiográficos.

A região dos Pampas que continua o Chaco, forma um leque aberto para o interior, numa distância radial de 500 a 640 km a partir de Buenos Aires; numa linha reta, sua influência se estende, por exemplo, da foz do Prata até as proximidades da cidade de San Luís. Os Pampas atingem o território uruguaio e brasileiro, recebendo neste último, o nome de zona da Campanha do Rio Grande do Sul. É esta a zona dos "campos limpos", de melhores pastagens, que na parte meridional do Planalto Brasileiro já se transformam numa floresta temperada, de fácil exploração, contrastando com a selva amazônica, bem mais variada em espécies, mas de difícil penetrabilidade.

Num confronto, vamos observar que a Planície Pampeana difere do Chaco e Pantanal, onde já predominam os "campos cerrados". Aí já se alternam a gramínea com tufos florestais, em geral matas ciliares; são as pradarias llaneras do Orenoco que se repetem no hinterland da Bacia do Prata.

A partir das Províncias arribenhas argentinas (Corrientes, Misiones e Entre-Rios) já o plano uniforme do solo se apresenta como no Uruguai e sul do Brasil, com a ondulação de coxilhas. Zona pecuarista mais produtiva do continente, os Pampas continuam para o sul, onde são interrompidos pelos primeiros degraus do Planalto Brasileiro.

É esta a paisagem geral da Bacia do Prata, que *abrange a terça parte do continente sul-americano* com seus 3.200.000 km²; é a quinta bacia fluvial do mundo, ultrapassada apenas pela do Amazonas, Congo, Obi e do Mississipi. Dentro dessa sub-região geográfica da América do Sul é o Brasil que possui a maior área; muito embora em se tratando de "zona de influência direta e ponderável" (conforme Artigo 1º do Tratado da Bacia do Prata) é o país que vem com a menor percentagem, conforme especifica o quadro

Ao longo dos rios principais e tributários da Bacia do Prata, *Cuiabá*, capital de Mato Grosso, é a cidade mais setentrional; ficando *Montevideú*, capital do Uruguai, e

PAÍS	SUPERFÍCIE	
	%	km.
Argentina	37	1.033.800
Bolívia	18,5	204.000
Brasil	17	1.414.200
Paraguai	100	406.752
Uruguai	79,34	140.901

La Plata, porto argentino, como os núcleos urbanos mais meridionais.

O sistema platino, que forma em sua foz um vasto estuário entre o Uruguai e o extremo oriental da Planície Pampeana argentina, se constitui de três grandes eixos fluviais — *os Rios Paraguai, Paraná e Uruguai, todos com suas nascentes no Brasil*. Como sub-bacias, suas respectivas áreas se distribuem conforme especificação no quadro

No contexto geral, concluímos que o Planalto Brasileiro se impõe como plataforma giratória entre as duas portas de entrada do continente: a Amazônica e a Platina. E, nesse mesmo planalto, *S. Paulo*, o maior centro populacional sul-americano, representou, no passado, o núcleo de partida para as conquistas territoriais, enquanto *Brasília*, no presente, procura se transformar no foco de lançamento integracionista de vasta área continental ainda marginalizada.

Enquanto pela presença e posicionamento as Bacias do Orenoco e Amazônica se encontram na ante-sala do Atlântico Norte, a Platina se envolve inteiramente na área de atração geopolítica e geoeconômica do Atlântico Sul.

Problemas Platinos

Ao repartir os litorais da América do Sul, o Tratado de Tordesilhas (1494) seccionou geopoliticamente as duas vias de penetração continental:

- entregando a *embocadura do Amazonas* aos portugueses, coincidentemente o seu setor sul, o melhor braço para a navegação, permitiu que os lusos se apossassem da maior parte daquela planície setentrional;
- concedendo a *foz do Prata* aos espanhóis, proporcionou-lhes maiores oportunidades de expansão pelos Pampas e Chaco.

Facilitada a penetração espanhola ao sul e a portuguesa ao norte, o continente sul-americano foi induzido a uma bipartição aproximada; ficava a parte portuguesa com aproximadamente 8.500.000 km² e a espanhola com 9.300.000 km².

Foi, em grande parte, graças ao *foco de tensão luso-espanhol* que se instalou desde o século XVI, no Prata, que essa sub-região sul-americana *se manteve na órbita ibérica*. Não ocorrendo o mesmo na área amazônica, longe por muito tempo da cobiça colonial dos

Sub-Bacia	Total	Argentina	Bolívia	Brasil	Paraguai	Uruguai
Paraná	1.607.000	633.000	—	891.300	52.700	—
Paraguai	1.097.000	193.300	204.000	345.700	345.000	—
Uruguai	361.000	65.000	—	178.200	—	117.800
Prata	135.000	112.500	—	—	—	23.100

peninsulares, e onde se instalou o "quisto" geopolítico das Guianas. Por outro lado, com o firme propósito de manter a Colônia do Sacramento, os espanhóis ignoraram a penetração pelo Planalto Brasileiro, perdendo esse vasto *hinterland da Bacia do Prata para os portugueses.*

Dentro do enfoque geohistórico, observamos que os espanhóis procuraram se assenhorear da Bacia do Prata, a única área que lhes restaria no Atlântico Sul, apoiando-se em Assunção e Buenos Aires, núcleos geoestrategicamente localizados no curso médio e foz do complexo fluvial, respectivamente.

O posicionamento de Buenos Aires confirmava, na época, o fato de que quando correntes fluviais divergentes em suas nascentes convergem para o mar numa única direção, criam um centro geopolítico comum, dentro do fenômeno natural de unificar o conjunto, afim de mesclar os interesses complementares de cada um dos eixos fluviais. Interesses que não vieram a se mesclar, visto que as áreas interiorizadas comandadas por *Charcas e Assunção*, procuraram no isolamento, anular, em parte, os prejuízos que sofriam em face das províncias litorâneas que prosperavam com Buenos Aires. Eis, pois, a razão mais remota que contribuiu para o *esfacelamento do Vice Reino do Prata e conseqüente "balcanização" dessa área sul-americana.*

Por outro lado, a chamada "balcanização" dessa zona platina se prende também ao fato adminis-

trativo de na era colonial ter Castela instalado vários núcleos geohistóricos comandados respectivamente por Buenos Aires, Montevideu, Assunção e Charcas (hoje Sucre).

Terminada a fase crucial das disputas (1870), estava garantida a *livre navegação na Bacia do Prata*, beneficiando-se os portos de Buenos Aires e Montevideu. Beneficiavam-se dentro do aspecto fisiopolítico da bacia *apresentando-se num eixo natural norte-sul* e que, com a atração, levava os países interiorizados — Bolívia e Paraguai — a obter na Argentina e Uruguai, as suas saídas diretas para o Atlântico. O próprio *hinterland platino brasileiro*, representado pelo Estado de Mato Grosso ficou, durante muito tempo, nessa dependência.

Posteriormente, dentro do enfoque geopolítico de que *a chave de controle da bacia se encontrava no Paraguai*, tornou-se possível a *implantação do eixo transversal de saída dos dois países interiorizados também pela costa brasileira.* Eixo que se positivou tendo em vista que das sete fronteiras binacionais coexistentes no âmbito da Bacia Platina, o Brasil, tal como a Argentina, se envolve em quatro delas, marcando, pois, suas presenças constantes na sub-região. Nessas condições, num confronto com o eixo geoviário concêntrico de Buenos Aires, se impôs o traçado leste-oeste paralelo no corte geopolítico das redes de comunicação que o Brasil vinha desenvolvendo no âmbito dessa bacia.

Ao geocentrismo exclusivo da foz se impuzeram as várias saídas

brasileiras, desmarginalizando-se as áreas interiores da Bacia do Prata.

Corredores de Exportação

Quando o Brasil se impôs à filosofia de que — exportar é o que importa —, os primeiros portos apontados como terminais de exportação, quase todos, coincidentemente, se envolviam na Bacia do Prata, por apresentarem estruturas mais adequadas e por se localizarem na confluência de rodovias, ferrovias ou hidrovias, servindo não só aos centros agrícolas, como também *os centros polindustriais brasileiros*. Assim, a política de prolongamento da rede ferroviária e, sobretudo rodoviária do litoral atlântico-brasileiro para o sudoeste e centro-oeste, representa a interiorização do progresso e a integração de áreas onde se encontram as nascentes dos rios formadores da Bacia do Prata. Aí, além do centro polindustrial Porto Alegre-Rio Grande, se destacam o Curitiba-Paranaguá e o Rio-S. Paulo-Santos, atraindo os núcleos interiorizados formados por Corumbá-Campo Grande e Brasília-Goiânia. (Mapa 2).

Visando ao intercâmbio comercial, o Brasil passou, então, no traçado de suas artérias, procurar várias saídas para o continente. Estas estradas, integrantes do programa governamental, tinham como objetivo principal, o transporte desde áreas de produção até os pontos de concentração dos produtos exportáveis, que seriam os próprios terminais exportadores, os centros de armazenagem, as es-

tações ferroviárias ou os portos fluviais. É este o *Programa de Corredores de Exportação*.

A criação dos Corredores de Exportação foi, na verdade, um Acorde firmado em 1972 pelo governo brasileiro com empresários japoneses, o que motivou o início imediato de estudos para estabelecer um plano que definisse geograficamente as áreas que deveriam receber a infra-estrutura adequada à movimentação, estocagem e embarque de mercadorias, especialmente para a exportação.

Ao longo de dez anos ficou amplamente demonstrado que a ação desenvolvida pelo governo na consolidação dos Corredores de Exportação criou novas frentes de produção, contribuiu para a racionalização dos fluxos, a redução dos fretes internos, a maior produtividade na operação de transportes, a eliminação de pontos de estrangulamento e o emprego adequado dos meios de transporte. Enfim, no contexto geral, abriram-se, conseqüentemente, outras portas de entrada e saída para a Bacia do Prata quando, anteriormente, só se fazia pelo próprio estuário.

Os Corredores de Exportação *deram maior amplitude geoestratégica a esta Bacia Platina, no âmbito do Atlântico Sul*, que dotada de variadas opções portuárias, não pode, num caso de conflito, ser tão facilmente bloqueada, como foi no passado.

Três Corredores de Exportação brasileiros se instalaram então na região platina, onde, afirmava Mário Travassos, o Brasil "dava



exemplo notável de ações neutralizantes sobre o poder concêntrico das bacias hidrográficas”, e se viesse a conjugar as suas comunicações terrestres dobrando e ligando as comunicações fluviais poderia sentir toda a dinâmica da vertente atlântica, “onde culminam, os traços decisivos do facies político sul-americano”.

Para dar vigor à dinâmica de sua vertente atlântica envolvida na Bacia do Prata, extensa rede de

ferrovias federais passou a cobrir as principais áreas de produção, quase sempre localizadas às suas margens; outras áreas mais interiorizadas adquiriram garantia de escoamento pelas estradas estaduais ou municipais. As grandes distâncias foram então cobertas pelas ferrovias. E dentro de um plano pré-estabelecido pelo governo, as rodovias e ferrovias têm um destino: os grandes centros consumidores ou os portos, por

onde se faz a navegação de cabotagem e a de longo curso no âmbito da Bacia do Prata.

No contexto geral, pois, os Corredores de Exportação do Rio Grande, Paranaguá e Santos se constituem em variadas opções para o escoamento de riquezas que transitam pelo Atlântico Sul, visto que o Brasil já se conscientizou de que a Bacia do Prata representa um autêntico polo geopolítico no Atlântico Sul.

O *Corredor de Exportação do Rio Grande* se transformou no principal polo de atração para o escoamento de produtos do Rio Grande do Sul e parte ocidental de Santa Catarina. Por outro lado, constituindo o Rio Grande do Sul no núcleo do semi-círculo marginal geopolítico do Brasil, definido por Lysias Rodrigues, exerce grande influência por seu dinamismo, não só sobre o Uruguai como também sobre a Argentina, sobretudo na zona arribenha, através dos polos interiores de Livramento, Uruguiana e S. Borja.

O *Corredor de Exportação de Paranaguá* abrange o Estado do Paraná, grande parte de Santa Catarina e área meridional do Mato Grosso do Sul. Dentro do sistema integracionista continental a rodovia Paranaguá-Foz do Iguaçu, entrando em conexão com o Paraguai, país vizinho, atinge Assunção. Já o Tratado de Interconexão Ferroviária assinado a 11 de abril de 1980, entre o Brasil e o Paraguai, se implantará, na prática, com a união das vias férreas nas proximidades do polo interiorizado de Guaira; irá se constituir, em

futuro próximo, na proveitosa "Ferrovia da Soja".

O *Corredor de Exportação de Santos*, pela importância, serve a todo o Brasil, mas o faz, principalmente, com relação aos Estados de S. Paulo, Mato Grosso do Sul, norte do Paraná, sul e oeste de Minas Gerais. A grande área de influência do Corredor de Santos não se restringe a esse território, pois se estende para a Amazônia através dos polos interiores de Cuiabá e Brasília, como também para o sudeste, via Belo Horizonte. Isto porque o conjunto de estradas no território brasileiro forma um verdadeiro leque, tendo como convergência a área metropolitana de S. Paulo, o maior centro polindustrial do país, complementado pelo Rio de Janeiro.

Em se tratando da região interiorizada formada pela Bolívia e Paraguai, envolvidos nos Corredores de Exportação de Santos e Paranaguá, dentro da política de integração nacional, teve nítida conotação geopolítica a *divisão do Estado de Mato Grosso*, em 1977. Era então o segundo Estado do Brasil, em área, depois do Amazonas; sua área era de 1.254.821 km², maior, portanto, que toda a Bolívia (1.098.581 km²).

As cabeceiras de rios que convergem para o Prata quase que se encontram, no Planalto Brasileiro, com afluentes da margem sul da Bacia Amazônica. A linha divisória do Estado quase que seguiu a linha natural de separação das duas bacias. Para que o Estado de Mato Grosso que ficou no norte, numa área praticamente despovoada e

desmarginalizada, tivesse um centro importante como capital-administrativa, tornou-se necessário deixar-se o duplo polo Cuiabá-Cáceres em sua esfera política. Já o Estado de Mato Grosso do Sul, centrado na cidade de *Campo Grande*, ficou inteiramente na esfera de influência da Bacia do Prata.

Dentro do enfoque geopolítico geral, o espaço ocupado pelos dois Estados brasileiros, se distingue no centro geográfico da América do Sul, equidistante dos dois oceanos — o Atlântico e o Pacífico. No contexto local, Mato Grosso, mantendo capital em Cuiabá, a cidade mais setentrional da Bacia do Prata, exerce, no conjunto o nítido papel geopolítico de "portal" da Amazônia; enquanto Mato Grosso do Sul, girando em torno do *quadrilátero geopolítico formado por Corumbá - Campo Grande - Dourados-Ponta Porã*, se envolve nos *Corredores de Exportação de Santos e Paranaguá*. No âmbito da Bacia do Prata é o Estado de Mato Grosso do Sul a unidade administrativa brasileira que exerce maior atração geopolítica e geoeconômica com a Bolívia e o Paraguai.

No entanto, dentro da política de integração continental, tem o Brasil, nessa região interiorizada sul-americana que se ater ao contraste. Contraste que mostra o *Paraguai* com seu ecúmeno estatal mais voltado para o Brasil, e que sendo país de planície, integrado totalmente no Prata, facilita mais os contactos com o território brasileiro. Já a *Bolívia*, com seu ecúmeno estatal no altiplano, apre-

senta voltada para o Brasil a sua área geopolítica neutra; por outro lado se reparte entre as Bacias do Prata e Amazônica, reduzindo, conseqüentemente, os nossos contactos.

Conclusão

Os Corredores de Exportação se constituem, pois, numa política integracionista do Brasil com maior intensidade na Bacia do Prata, já que é aí que se encontra o *mais efetivo polo geopolítico do Atlântico*.

Dentro da evolução vital, os países envolvidos na Bacia do Prata se encontram no *ciclo geopolítico da adolescência*. E, nesse conjunto platino, pela presença e posicionamento, dentro do contexto geopolítico, o Brasil tem que exercer, naturalmente, o papel de múltiplo vetor, que o quadro seguinte vem explicar.

Deixando-se de lado a população total brasileira, devemos nos ater ao efetivo só na área platina que é de 49.700.000 pessoas. Conseqüentemente, mesmo levando-se em conta a população total dos quatro países de língua espanhola envolvidos na Bacia do Prata, o *efetivo brasileiro, só nessa região, ainda é maior*.

O mesmo ocorre com relação à área total, já que o *território brasileiro* ocupa mais da metade da extensão de todos os territórios reunidos, dos países de língua espanhola, envolvidos no Prata.

Não obstante, o Brasil exerce ainda o papel de múltiplo vetor pelo posicionamento de seu litoral

PAÍSES DA BACIA DO PRATA

País	Área (Km ²)	População (1980)
1. Brasil	8.511.965	119.061.000
2. Argentina	2.776.889	27.064.000
3. Bolívia	1.098.581	5.570.000
4. Paraguai	406.752	2.970.000
5. Uruguai	176.212	2.880.000
Total	12.969.402	157.545.000

em face não só da Bacia do Prata, mas ainda em face das massas continentais da América do Norte, Europa e África. Múltiplo vetor não só pela *mentalidade marítima* que vem desenvolvendo, como ainda pela própria presença. E se o Brasil tem presença no polo geopolítico do Prata... no âmbito do Atlântico Sul é maior em extensão do que todos os países da África Ocidental, visto que o maior de todos, o Zaire, tem 2.345.409 km², sendo ainda menor que a Argentina.

O Brasil de hoje é um país em desenvolvimento, ainda em fase integracionista, com 1/3 de sua população dependente da região platina.

Autêntico ponto cardeal dos acontecimentos políticos, o mar tem sido fator de suma importância na História da Humanidade, influenciando mais na vida de alguns povos do que de outros. Por isso, J. Gaillard em seu trabalho "Development Maritime et l'Avenir Transatlantique de Brésil", mostra de "de todos os países da América do Sul é o Brasil o que mais necessita de um grande e poderoso de-

envolvimento marítimo e correspondente influência transatlântica, para base de sua expansão econômica e comercial e garantia de desafogamento da liberdade de movimento no seu tráfego através dos mares".

O Almirante Sergei Gorshkov afirma que o Poder Marítimo de uma nação pode ser aquilatado não só pelas armas com as quais essa nação poderá vir a participar dos acontecimentos do mar, mas também pela sua Marinha Mercante, suas unidades pesqueiras e oceanográficas, suas instalações portuárias, como ainda por suas perspectivas e tradições marítimas. Tal conceito promove a complementaridade entre as atividades civis e militares.

Antes da Segunda Guerra Mundial os interesses brasileiros se orientavam quase que exclusivamente no sentido do Atlântico Norte; hoje, nossas diretrizes geopolíticas difundentes já alcançam o Índico e o Pacífico. Além da *Rota Sul-Americana*, praticamente de cabotagem, desde a foz do Prata até Trinidad, no Caribe, tem ainda maior importância, no senti-

do norte-sul a *Rota Européia*, que atravessando a zona de estrangulamento do Atlântico, apoia-se em Cabo Verde, para atingir os mercados de importação e exportação da Europa. No sentido leste-oeste, em âmbito regional do Atlântico Sul, a *Rota Africana* atinge a zona mais ocidental do continente que reparte conosco o oceano; essa rota vem tomando novo impulso desde 1972. E, finalmente, a *Rota do Cabo*, em face dos interesses comerciais que temos com o Japão, aproximação com a China e a necessidade de importar petróleo do Oriente Médio. Não sendo país bioceânico, para o Brasil, a Rota do Cabo, além de ser a de mais longo curso, é também a de maior importância,

avultando então pelo posicionamento os Corredores de Exportação de Santos, Paranaguá e Rio Grande que mantemos em nossa frente marítima da Bacia do Prata.

Como o Brasil, os demais países platinos são altamente dependentes das rotas marítimas; embora já se agrupem no mais importante polo geopolítico do Atlântico Sul, *os cinco países platinos carecem regionalmente, da verdadeira integração*. Integração que une, por exemplo, a Europa num intercâmbio econômico-cultural efetivo pela presença da fronteira-linha, ou seja, densamente povoada... e faz com que os países do Prata não se voltem tão eficazmente uns para os outros ante a constância das fronteiras-faixas.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".